

O FEIJÃO
NA ALIMENTAÇÃO
E NA ARTE

BULTIMO successo publico, depois do *Bonus Universal*, é o feijão pintado. Conhece-se o successo do feijão pintado.

Uma familia do Porto, propensa ás succulentas e macissas feijoadas da culinaria brazileira, tão succulentas e macissas que é costume depois de as comer — demolih-as, fez naturalmente em uma das mercéarias d'aquella cidade, que ainda não se declararam em estado de quebra, uma momentosa provisáo de feijão preto.

Deve notar-se que a verídica feijoada, a feijoada vernacula é contingente a feijão preto.

O processo de cosinhar o feijão preto não obedece a nenhum dictame, ou designio singular. O feijão preto cose-se ao lume, tendo sempre o cuidado de o coser em agua.

Ora, deve-se justamente a esta prudente precaução a descoberta da fraude que veio surprehender os espiritos no decurso da passada semana.

Posto a ferver em agua, o feijão preto a que nos estamos referindo, empallideceu como o sr. Fuschini, sob a apostrophe classica: «De joelhos, ministro de 1892!», passou a uma lividez cadaverica e revelou-se finalmente amarello, revertendo sob a acção da agua á sua condição modesta de feijão manteiga.

Ao mesmo tempo que se produzia este phenomeno, a agua de que elle era theatro — para que assim o digamos, escurecia a olhos vistos, até tomar proporções caliginosas.

Um vitello de tres cabeças, ou ainda a noticia da demissão do sr. conselheiro Jeronymo de Vasconcellos não produziria no seio da familia a que alludimos, maior estupefacção.

Foram naturalmente convocados os peritos, que andam actualmente addidos a todos os serviços de alimentação, e eis o que estes reconheceram: que o feijão preto era naturalmente pintado.

O acontecimento fez celeuma e o feijão foi exposto na redacção do *Jornal de Noticias* do Porto, onde — dizem d'ali — teem ido vel-o milhares de pessoas, debaixo de redoma, como o jejuador Pappus.

Exposto o caso, sejam-nos permitidos os seguintes considerandos:

Até que ponto é licito desfigurar as substancias de alimentação?

Vimos não ha muito pintar os chouriços — de encarnado.

Vemos agora pintar o feijão branco — de preto.

Passamos em claro, já se vê, as mulheres de cabello preto que os pintam de amarello, visto a mulher não estar visivelmente incluída no numero das substancias de alimentação, e, sem sahir dos dominios strictamente substanciaes e alimentares do chouriço e do feijão, ousamos perguntar:

— Até onde irá a demencia da falsificação? Até onde nos levará a loucura da fraude? E onde estão os poderes publicos? E onde está a policia? E onde está o espirito de vinho?

Até aqui não podiamos sem escrupulo, comer certas substancias chamadas nutritivas, como o pão, que se reconheceu ser feito de serradura de madeira, o queijo, feito de gesso, o leite, feito de cal.

Agora, não só nos é vedado comel-as, como até encostarmos-nos a ellas, como ás portas pintadas de fresco.

O chouriço larga tinta.

O feijão larga tinta.

Enche-se a gente de nodos!

Póde acceitar-se sem protesto uma situação tão pernicioso, ao mesmo tempo ao phenomeno da nutrição e ás mangas dos nossos casacos?

Evidentemente, não.

Ou embaraçal-a, portanto, ou — regulamental-a.

Se os merceiros entendem dever pintar os seus generos, que elles sejam, ao menos, bem pintados.

Tem o Porto uma Academia de Bellas Artes e Lisboa uma outra. Que a cargo das duas fique esse ramo de intoxicação e arte.

Envenenemos-nos, mas com esthetica. E' uma maneira sagaz de cultivar ao mesmo tempo a dispepsia e o gosto.

Que, ao menos, ao recebermos sobre a mesa de jantar e n'uma larga travessa, um dos novos chouriços pintados, nós possamos exclamar, enlevados n'um puro goso d'arte:

— Não é um chouriço! E' um Velasquez!

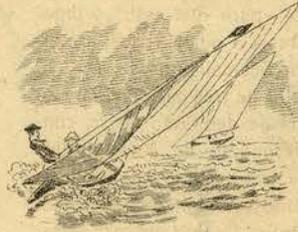
Ignoramos se o feijão está incluído no numero das naturezas mortas. Desde o momento, porem, que elle seja pintado... ao vivo, não vemos motivo para que, diante de uma prattada de feijão branco pintado de preto, nós deixemos de exclamar, egualmente no auge do delirio esthetico:

— Esta feijoadazinha é tudo o que ha de mais escola veneziana!

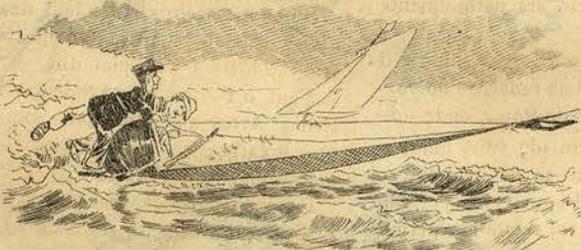
JOÃO-RIMANSO.



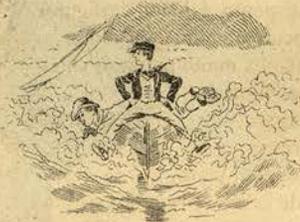
1.



2.



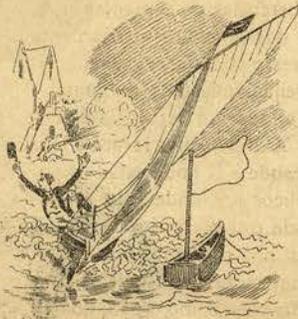
3.



4.



5.



6.

**De que elles serão capazes ...
quando tiverem uma chalupa**

(Pequenina historia nautica dedicada ao Luiz Crespo e ao Zé Manuel)

Uma representação

Passou despercebida na imprensa uma representação dirigida á metropole por um regulo de Moçambique, queixoso de uma auctoridade portugueza que, n'aquella colonia, o tem perseguido até ao exaspero, e tão singular nos pareceram os successos referidos pelo triste potentado negro que não resistimos não diremos ao prazer, mas á aguda curiosidade de os reproduzir para edificação da nossa civilisação e da Sociedade de Geographia.

Não é uma pagina da nossa historia colonial: é uma pagina do *Tour du Monde*.

Por ter sahido das suas terras sem licença, o que parece não poder dar-se sem infracção dos principios constitucionaes que regem o exercicio da corôa, no Ultramar, o regulo em questão foi intimado pelo chefe da sua circumscripção a pagar uma multa tão avultada que elle proprio, regulo, não soube computar, na sua pobre ignorancia do systema de multas que felizmente nos rege.

«Afflicto com tal ameaça,—refere elle então, dirigindo-se ao rei, á metropole, ao ministerio da marinha, á conferencia philantropica de Bruxellas, á Moral e aos costumes—reuni a minha familia e os meus secretarios para resolvermos o que se havia de fazer. Nessa primeira reunião, como não tivéssemos dinheiro, resolveu-se que eu venderia uma de minhas filhas. Assim se fez, obtendo 20 libras, que fui entregar ao commandante.

«—E' pouco, disse este, vae buscar mais!»



Mas aqui é que o successo toma o character verdadeiramente original que nos levou a referir-o.

O regulo vendeu a outra filha, tambem por 20 libras, e foi entregal-as ao commandante.

—E' pouco, disse outra vez o commandante, vae buscar mais!

De bom grado, o regulo iria buscar mais; mas justamente succedia-lhe não ter mais filhas. E então que fez?

Ouçamol-o:

«Reuni novamente a minha familia e os meus secretarios e, d'esta vez, coube a meu tio a sorte de vender um filha. Realisou-se a venda por 20 libras e foi entregal-as ao commandante.»

—E' pouco, tornou o commandante, vae buscar mais.



POLITICA INTERNACIONAL

(O escandalo de Spa)

CLEOPOLDE II



Oh! qu'il est rigolo!

«Um rei, que se abandalha, é um rei que moralmente abdica: é um pratinho, que ellas saboreiam sempre com delicia. Quando o bom rei Leopoldo voltar ao boulevard, de bengala ao hombro, bamboleando-se a claudicar, longas barbas ao vento e narinas abertas em busca de impressões, o enxame das peccadoras não deixará de lhe repetir na passagem: oh! qu'il est rigolo!

(Das Novidades).

1911



Nova reunião, e então foi um primo do regulo quem vendeu uma filha e ahí vão novamente 20 libras para as mãos do commandante.

Mas o commandante, que parecia não saber dizer outra coisa, repetiu:

—E' pouco. Vae buscar mais.



«Já não sabia o que havia de fazer—prosegue o regulo—; entretanto, reunimos-nos outra vez e um dos meus secretarios, pensando que finalmente eu me salvaria, offerece uma filha ao sacrificio. Rendeu tambem 20 libras, que fui entregar ao commandante.

—E' pouco, diz este ainda, vae buscar mais.»



«O meu derradeiro recurso eram cinco vaccas. Fui entregal-as tambem ao commandante.

—E' pouco; vae buscar mais.»

«Foi então—conclue o preto—que fugi para logar onde não podesse ser visto por brancos.»



Não nos compete naturalmente a nós fazer a este facto os commentarios de ordem geographica, ethnologica, sociologica, economica e colonial que elle urgentemente reclama.

No nosso restricto ponto de vista, o que opinamos é que o commandante deshumano a quem se refere este relatorio, não é um homem, mas um boneco, porque, em realidade, um personagem que não sabe dizer senão—«E' pouco. Vae buscar mais» não tem mais figados. O que tem é pouca corda.

E' um funcionario publico que, pelo menos, é necessario mandar a um relojoeiro.

Titulos verdadeiros e letras... falsas

NÃO se conhece nada mais extra-social do que o debate encetado ha dias nas columnas do *Seculo* pelo conde de Toulouse-Lautrec, preso no Limoeiro, com o principe de Crétchet, preso no Governo Civil, sobre nobiliarchia e heraldica.

E' uma d'estas coisas que regosijam até ao derramamento e fazem acreditar ainda no jubilo de viver.

O conde de Toulouse Lautrec pretende do Limoeiro, que o principé de Crétchet usurpa o principado e o proprio appellido que lhe ajuntou e, em appoio das suas asseverações, desdobra um tão grande numero de conhecimentos de nobiliarchia, que o nosso primeiro pensamento, ao lê-lo, foi perguntar porque razão está esse homem no Limoeiro e não está na Torre do Tombo.

O que, porém, acrescenta a pura alegria d'esta situação absolutamente nova na vida e cremos que na litteratura, não é apenas o entono erudito do nobre conde de Toulouse Lautrec, mas a forte porção de orgulho offendido que reçuma da sua carta ao *Seculo*.

Não é apenas um homem precavido e culto que informa os seus contemporaneos sobre um pontó obscuro de nobiliarchia: é um nobre senhor affrontado na dignidade da sua casta que altivamente regeita solidariedades com aventureiros, portadores de titulos falsos.

O conde de Toulouse-Lautrec não quer nenhum genero de contacto social com o principe de Crétchet.



Existe talvez entre o caso de um e o caso de outro alguma vaga analogia. Sem duvida, o conde de Toulouse procurou descontar n'uma casa bancaria de Lisboa, uma lettra que se verificou não ser isempta de impureza, e, por seu lado, o principe Crétchet reconhece haver confundido com algumas estampilhas de 25, um sello preto de Honolulu, que veridicamente pertence ao sr. Canovas—perdão!... ao sr. Manoel del Castillo.

Ah! mas se a lettra do conde de Toulouse era manifestamente falsa, o seu titulo é tudo quanto ha de mais verdadeiro, e ser um conde authentico embora sendo tambem um authentico meliante, eis uma circumstancia que não pôde deixar de ser levada em conta, mesmo por uma sociedade tão pouco cosmopolita como a nossa—o que não succede com o principe Crétchet, que vindo a Portugal exercer algumas das suas aptidões, nem sequer se deu ao trabalho de ser principe.

A elegancia de porte, o levantar de cabeça, a linda posição de braço, com que o conde de Toulouse Lautrec fundamenta o seu formal desmentido á identidade do principé, dando-lhe o — *em guarda!* e batendo-lhe com o pé... no Limoeiro, é um d'estes espectaculos que fazem perder ao homem desprevenido todo o sentimento da conveniencia e da compostura.

Nós—honestamente o confessamos—tivemos que ir a correr a casa.

Que outro spectaculo vae agora succeder a este?

Anciosamente, todas as manhãs, procuramos no *Seculo* a resposta, certamente altiva tambem, do principe de Crétchet e—meu Deus! porque não será assim?—esta original e estranha pendencia concluirá talvez, no campo da honra, se a inclemente justiça não a fizer concluir antes em... Campolide.

Pladas do Sol

Referindo a passagem por Lisboa de um escriptor estrangeiro, um jornal chama-lhe «litterato de polpa».

Os *litteratos de polpa* pertencem á serie dos homens de *robusto talento e caracter diamantino*. Estão inscriptos na caderneta de senhas do *Bonus Universal*.



A proposito do *Bonus Universal*, já ha quem lhe chame — *O Onus Universal*.



A partida do dr. Ricardo Jorge para o Porto é, na opinião de um jornal, o primeiro signal de que se vão tomar providencias contra a falsificação dos generos alimenticios.

Ainda falta portanto dois toques e ainda temos tempo de ir ali n'um instante...

A' terceira badalada é que é a coisa.



Assignalando os ultimos triumphos das nossas tropas no Ultramar, um dos nossos mais bem redigidos periodicos declara findo «o periodo heroico» e aconselha a que se entre agora no caminho pacifico da colonisação.

O que entre nós, portuguezes, é verdadeiramente sympathetic, é este bello optimismo.

Bem! Está findo o periodo heroico. Vamos agora a esta coisa da colonisação.

Não é possivel ter melhor humor, mais alegria e... mais semcerimonia.

Com que então, findo o periodo heroico? Pois senhores!...



Despojando se de todos os seus attributos de inspector dos sellos, o sr. conselheiro Jeronymo de Vasconcellos passou a assignar-se: Jeronymo de Vassemellos.



PARIS—CHABY

Excellentes noticias do Chaby, que escreve ás *Novidades*, de Paris, contando de como acaba de fazer uma bella viagem pela Inglaterra e pela Belgica e de como, na *Comédie Française*, conseguiu passar despercebido.

Logo que tivemos conhecimento d'este episodio da excursão do succulento artista, perguntamos a nós proprios:

— Como poderá o Chaby ter passado despercebido?

E derramamos-nos em conjecturas, porque — não vê o Chaby, até ao ponto d'elle se ufanar de não ser visto, é não vê a propria evidencia.

Como se dissimulou elle?
Transformou-se?



Transfigurou-se?
Desdobrou-se?
Distribuiu-se em fasciculos?
Em senhas da cosinha economica?
Em *fauteuils* de 1.ª fila?



Abriu-se simplesmente em cautellas?
Emittiu-se em accções?
Ha uma unica maneira de não vê o Chaby.
— E' pizar o Chaby.
Dar-se-ha o caso que elle tenha comparecido na *Comédie Française* sob a forma de *croquette*?

Mas, por outro lado, Chaby é uno e indivisivel.

Succederia portanto que Chaby se amoldasse ao formato commum do typo da civilização franceza, até ao ponto de passar sobre ella como gato sobre brasas?
De que modo?
Como chefe de Estado?



Como nacionalista?
Como anti-semita?
Como vendedor de cartas transparentes?



Como cocotte?



Como gailhotinado?



Como romancista-naturalista?



Como terá o nosso Chaby sido servido á França e á Republica?
N'uma travessa?



N'um cesto?
N'um covilhete?
N'um copo?
Como solido?
Como liquido?
Como gazoso?
Ha largos dias meditamos e uma unica conjectura se nos apresenta accetivel—a de que Chaby não seja visto em França, porque se tenha sentado em cima da propria França, visto que só n'este caso elle poderia vel-a, sem ser visto.



Companhia Real DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Ramal de Cascaes
AVISO AO PUBLICO
Serviço de banhos para Pedrouços e Algés

Bilhetes de ida e volta

De Caes do Sodré, estacões e apeadeiros seguintes, até Belem, inclusive, para Pedrouços ou Algés e volta:

| | |
|------------|---------|
| 1.ª classe | 60 réis |
| 2.ª | 50 |
| 3.ª | 40 |

Estes bilhetes serão vendidos desde 28 de Setembro até 31 de Outubro do anno corrente, e serão validas:

A ida: para os comboios que partem de Caes do Sodré entre as 5 horas e 8 horas e 5 minutos da manhã, que tenham pa agem em Algés;

A volta: para os comboios do dia da ida, que partem de Algés de manhã até ás 10 horas e 50 minutos.

Condições: as da tarifa L. n.º 3 de grande velocidade. Depois das horas acima indicadas como limites, mantem-se em vigor os preços ordinarios.

Lisboa, 27 de Setembro de 1902.

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

Ourivesaria e Relojoaria
com officina anexa
de fabrico e
concertos



FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47

Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis

20 réis cada um

Em Lisboa acham-se á venda nas lojas onde se vende a *Parodia* e na administração d'este jornal, rua do Gremio Luzitano, 66, 1.ª, para onde podem ser dirigidos quaesquer pedidos, acompanhados das resepectivas importancias.

Ao despertar da autora.



Atiza